

# MEMORIAL DE AIRES: UMA AUTOBIOGRAFIA DE MACHADO DE ASSIS?

*Luciana Carla C. Flauzino (G-FUNEC)*  
*Maria Célia Guilhen Mazote (FUNEC)*

**Resumo:** Este trabalho analisará a última obra machadiana: Memorial de Aires. Este último livro de Machado de Assis, publicado no ano de 1908, ano de sua morte, vai mostrar uma outra face de Machado. Agora ele é calmo e paciente, tem atitudes sinceras e puras, perdeu aquele seu jeito excêntrico de escrever. Na velhice, Machado usa a sabedoria que adquiriu durante a vida para escrever uma Apologia ao dia a dia, ao cotidiano.

**Palavras-chave:** Memorial de Aires. Machado de Assis. Romance brasileiro.

**Abstract:** This work will analyse the last machado's work: Memorial de Aires. This last book of Machado de Assis, published in the 1908, year of him dead, will show another face of Machado. Now he is calm and patient, have an attitudes sincerity and pure, lost that his way eccentric way of write. In old-age, Machado use a wisdom who acquired during the life to write an apology of day of day, the quotidian.

Key-words: Memorial de Aires. Machado de Assis. Romance brasileiro.

## 1. Introdução

Machado de Assis, autor consagrado no Realismo por ter sido precursor desse período com a obra **Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881)**, introduziu um novo narrador à prosa brasileira, o narrador-defunto, que choca e alerta com sua ríspida ironia. No entanto, essa ironia é acentuada, ou antes, amenizada em seu último romance **Memorial de Aires (1908)**. Machado escreve esse memorial depois da morte de sua esposa, Carolina, e antes de sua própria morte.

A obra, sem dúvida, apresenta o modo machadiano de ver, ou perceber as coisas, porém o autor utiliza-se de palavras tão sutis que dá a impressão real da fase pela qual passava, a de maturidade e de reflexão. São palavras de Aires no Memorial: “Eu se fosse capaz de ódio, era assim que odiava, mas eu não odeio nada nem ninguém- *perdono a tutti* – como na ópera”. A proposta deste estudo é seguir garimpando elementos de dados biográficos levantados e, para efeitos de estudos, a abordagem será elaborada com base em teorias e crítica da narrativa.

## 2. Memorial de Aires e seus elementos autobiográficos

Aparece na obra, o velho Conselheiro Aires, velho diplomata aposentado, que encarna certo aspecto de espírito machadiano, aquele que o

fez merecer a denominação de um Sócrates sem doutrina. É o espírito machadiano depois de suprimir a inquietação metafísica. Subsistem a ternura humana, a condescendência, a compreensão e ao mesmo tempo a maledicência, a pilhéria, o apurado bom-gosto e uma sutil sentimentalidade.

Com o conselheiro, é possível conhecer um Machado que já não tem mais o objetivo de chocar a sociedade, lançando novos padrões de autor ou personagem:

Vem daí a sedutora impressão que nos deixa essa figura culta, polida, viajada, vivendo num outro tempo, e que aproveita agora os anos de disponibilidade para levar uma existência oblíqua de expectador, ao mesmo tempo experimentado e pueril, da vida que se agita em torno dele. (COUTINHO, 2004, p.170)

Na narrativa, Machado trabalha muito bem com as palavras, até o título de conselheiro foi proposital, aquele que pode opinar sobre os acontecimentos, sem necessariamente ter que participar diretamente destes.

A questão da diplomacia também pode ser abordada da mesma maneira. A função de um diplomata seria a de manter boas relações entre as pessoas, para, em caso de necessidade, utilizar-se dessa influência a seu favor, mantendo sempre a habilidade da cordialidade e a discrição.

Com essa descrição pode-se perceber a proposta do Conselheiro Aires: manter sempre bons amigos, com cordialidade e discrição. Não que ainda na velhice Aires precisasse dessas influências, mas o hábito faz com que ele mantivesse esses costumes de diplomata. Além do que, revela a maturidade do autor de expressar-se já que não mais há mais para ele desavenças ou questões a serem discutidas na literatura: *perdono a tutti* como na ópera.

Sobre isso Alfredo Bosi (1985) afirma que “como Brás Cubas, o conselheiro põe-se a escrever na condição privilegiada de que já pode dispensar-se de intervir no duro jogo da sociedade: condição do morto, ou do diplomata aposentado, a quem é grato evocar o passado ou observar, com necessário distanciamento. (p.05)

É inegável a amabilidade desse Machado diplomata e conselheiro, que escreve como quem relata o que se passa com olhos mais leves que os que viram Brás Cubas. Tanto são retratadas essas emoções de um novo ângulo para Machado que se percebem resquícios de bondade e simpatia.

Outro aspecto que vale ser ressaltado no *Memorial* é a dupla viuvez da obra. Machado está sem a grande companheira e cúmplice de vida e trabalho, Carolina, que falece em 1904. Ele, então, vive quatro anos sem a presença dela. A falta é grande, inspirada em Carolina temos a personagem D. Carmo. O conselheiro Aires, assim como Machado também perdeu a esposa e retrata a solidão e a tristeza de não ter a companhia de alguém ao seu lado. Não que Aires fosse solitário, mas a impressão que temos no texto é a de que a companhia de Rita, dos Aguires, de Fidélia e Tristão, não supre uma falta interior, como em *Dom Casmurro*, falta-lhe a si mesmo, seu amor.

O casal Aguiar é o retrato fiel do amor conjugal que sustenta a si mesmo, dia após dia. Para D. Carmo e Aguiar a cumplicidade e a importância de estar um ao lado do outro é o eixo de sustentação do matrimônio. Isso se confirma, logo no início da narrativa as bodas de prata do casal.

A única frustração do casal é a falta de filhos. Não que eles não os quisessem, mas essa dívida não lhes fora concedida. D. Carmo tem isso como

a principal ou única ferida. Não se pode afirmar, com certeza, a falta que os filhos fizeram no casamento de Machado, no entanto, a presença do amor de pai para filho, de mãe para filha, a troca de amor de Aires para Fidélia, de paixão para carinho fraternal, revelam que o amor ou o carinho pelos filhos ganha espaço nessa obra e domina os bastidores dessa trama.

As escolhas dos ambientes contribuem também para o pano de fundo da história: encontros em praças, em que o Conselheiro caminhava, os bailes íntimos, jantares, almoços e situações corriqueiras, de dia-a-dia. Há no Memorial um caráter mais expectador, que vê as situações de fora, do que propriamente a de personagem que faz a história. O Memorial está escrito em primeira pessoa, no entanto não conta somente os fatos acontecidos com Aires, pelo contrário, o diário é apenas um pretexto para a descrição de uma vida cotidiana, leve e sem grandes ocorrências. É o espetáculo da vida corriqueira que dá os subsídios necessários para este romance e não mais o exótico, ou as situações ainda não relatadas, como cita Coutinho (2004) tudo é aproveitado completamente no que tem de essencial, desprezado o supérfluo e o circunstancial.(p.170)

Nada de exageros. Nada de sentimentos derramados. Sentimentos comedidos, centrados, equilibrados. Como afirma Coutinho:

Isso nos dá amostra das exigências da sobriedade a que ele tinha chegado, e que praticava exemplarmente, não só como homem, mas nos seus livros, em particular no Memorial, onde não se encontra nenhuma situação, nenhum sentimento, nenhuma reflexão sublinhada além de sua medida. (2004, p.171)

Bosi, em seu prefácio da obra afirma que em *Memórias Póstumas*, as paixões soam muito distantes, parecem vindas de um mundo morto ou murcho e já tiveram tempo de se mascararem em teia sutil de interesses, em hábito ou até mesmo em quadro idílico de filial amizade. (1985, p.05) E ainda completa:

O elogio da palavra contida supõe as defesas da mediação. Que se apresenta em mais de um nível. O mais evidente será o da própria forma em diário do livro em que as ações e os acontecimentos nunca se dão na sua crueza de fatos, mas vêm envoltos e amparados pelo comentário de Aires: este os despe de toda sua surpresa e os recobre de sua compassada sabedoria. A presença imediata das coisas ilude, excita ou dói em excesso; é preciso deixar que elas passem e só depois, e de longe, tomá-las por matéria de escritura. (BOSI, 1985, p.06)

Para finalizar Bosi reflete que:

A vida, entretanto, é assim mesmo, uma repetição de atos e maneios como nas recepções, comidas, visitas e outros folgares; nos trabalhos a mesma coisa. Os sucessos, por mais que o acaso os teça e devolva, saem muita vez iguais no tempo e nas circunstâncias; assim o resto. O reconhecimento e a aceitação dos labirintos sem fim que os homens têm construído para disfarçar a sua reiterada situação de carência, desejo e medo, parece ser a lição última do Memorial de Aires. (1985, p.09).

## Considerações finais

A última obra de Machado de Assis encerra com maestria o que uma vida dedicada à literatura, ou antes, a boa literatura. Machado inaugura no Brasil um modo novo de ver o real das coisas.

Mais do que Flaubert ou Eça, no Brasil não conhecemos autor que tenha se equiparado tão bem aos importados. Nosso Brás Cubras não deixa a desejar a nenhum dos personagens criados pelos europeus realistas. Porém é no Memorial que Machado exercita seu último tema: a vida, simplesmente, ela por ela mesma.

Sobra a vida de um diplomata aposentado que não faz mais que ocupar-se de ver a alegria ou a tristeza das outras pessoas, não por gozar com suas tristezas, ou vibrar com suas alegrias, mas simplesmente para descrevê-las, pois nenhum outro soube enxergar tão bem essa ode ao cotidiano.

## Referências

ASSIS, Machado de. **Memorial de Aires**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1985.

BOSI, Alfredo. “**Apresentação**”. Memorial de Aires. 4 ed. São Paulo: Ática, 1985.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**: Era realista, Era de transição. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. V.IV.